

6 OUT 1987

JORNAL DO BRASIL

Aviso aos navegantes

AVL-Pg

Gilberto Souza Gomes Job

“Conheça os nossos pobres, antes que eles desapareçam!” Com essas palavras, a guia chinesa, sorridente e orgulhosa, provoca os turistas que vão iniciar um tour pela cidade de Hong-Kong. Ela se referia ao Porto de Aberdeen, onde vivem cerca de 10 mil famílias, em barcos de pesca, em condições de pobreza semelhantes às das nossas favelas. Até 1990, o Governo as transferirá para habitações de alvenaria, construídas para alojá-los de forma mais digna. Em Cingapura, há menos de 5 anos, existia um aglomerado humano idêntico, num trecho do rio que corta a cidade. Hoje é um aprazível local de turismo, próximo a um Hawker, onde se preparam comidas típicas que fazem a delícia do paladar e do olfato de seus inúmeros frequentadores, a maioria estrangeiros.

No Sudeste da Ásia, a riqueza parece brotar do asfalto, sob a forma de fábricas e edifícios e se distribui, com certa generosidade, por toda a população. As taxas de desemprego em Hong-Kong e Cingapura são baixas e a inflação não vai além de 1% ao ano. A renda per capita anda por volta dos 6 mil dólares e o salário mínimo, embora não seja fixado oficialmente, não fica abaixo de 250 dólares (15 mil cruzados). O custo de vida aparenta ser inferior ao do Rio de Janeiro e a qualidade média da vida de sua população é incomparavelmente superior. Há pouco mais de 20 anos a Inglaterra concedeu a independência a Cingapura e afrouxou seus controles sobre Hong-Kong. Cansados das regulamentações coloniais, eles resolveram espontaneamente implantar um regime onde a tônica está colocada na liberdade de empreender. O Estado só intervém para fazer cumprir as leis (liberais) e para proporcionar educação, saúde e segurança a toda a população. E o faz cobrando apenas 3% de impostos sobre as vendas. Em Cingapura funciona um sistema financeiro de habitação que facilita a aquisição de casa própria aos contribuintes do Seguro Social, com prazo de pagamento de até 99 anos. Daí por que existem inúmeros conjuntos habitacionais em construção, com uma arquitetura moderna e que agrada aos olhos. Os prédios são dispostos de forma harmônica por entre os bosques e jardins que garantiram a essa *cidade-estado* o título de Jardim da Ásia. Também os inúmeros viadutos de concreto serpenteiam por sobre os bosques coloridos, sem prejudicá-los e a uma distância respeitosa dos edifícios. A limpeza urbana é feita ininterruptamente, assim como a manutenção dos jardins públicos. Jogar lixo na calçada expõe o infrator a uma multa de 25 dólares e o tráfico de drogas é punido com o enforcamento. E pasmem os brasileiros: as leis são cumpridas!

O inglês é falado corriqueiramente em todo o Sudeste da Ásia. Em Hong-Kong e Cingapura, as escolas o ensinam desde o jardim de infância, embora a língua-mater seja o chinês. Relaxem contudo os tradicionalistas, porque esses povos não estão perdendo suas identidades, mas tão somente sua pobreza ancestral, o que sem dúvida é ótimo!

Realmente, Cingapura e Hong-Kong estão proporcionando ao mundo um espetáculo admirável de democracia

política e econômica que não encontra paralelo em nossa sofrida América Latina. E estão se constituindo no principal exemplo, fora dos Estados Unidos, da preponderância da economia de mercado sobre a economia dirigida. Por isso, quando se retorna de uma viagem a essas distantes paragens que ficam do outro lado do mundo, não se pode evitar a comparação com o nosso Brasil velho de guerra, caminhando em sentido oposto ao desses países, com nossos dirigentes empenhados na faina neurótica de criar leis, decretos, regulamentos e “atos normativos” que não têm outro efeito senão o de embotar nossa criatividade e ainda, o que é pior, cercear nossa liberdade de empreender.

E que dizer dos nossos “progressistas” que estão brigando para inscrever na Constituição o mais novo “achado” do repertório tupiniquim, resumido no slogan: O mercado é nosso! (?..) Tudo bem, cara-pálida, mas eu não sou índio! Só um desavisado não enxerga que o que eles pretendem é fechar ainda mais o nosso mercado aos produtos e aos investimentos estrangeiros. Acontece que o comércio internacional é uma rua com mão e contramão. A vingar essa tese retrógrada, em pouco tempo os nossos portos estarão entregues às baratas (e aos ratos). Enquanto isso, em Cingapura, minúsculo país da Ásia, com menos de 3 milhões de habitantes, entra ou sai de seu porto um navio a cada dez minutos.

Precisamos urgentemente voltar a confiar no Brasil e nos brasileiros. A Carta Constitucional que ora se redige é a oportunidade que se apresenta para nos redimir dos “vinte anos de tutela” tão lamentados pelos “progressistas”. Se acenderem seus faróis, logo irão perceber que os jovens já não estão mais acreditando em nós, os mais velhos. A prova disso é que, pela primeira vez no Brasil, se ouve falar numa crescente migração de jovens da classe média, buscando em outros países de economia liberal as oportunidades de trabalho e as condições dignas de vida que aqui já não estão encontrando. A continuar essa situação, ninguém se surpreenderá se, de repente, as mães desses meninos forem para a Praça da República bater panela, a pedir que os militares lhes tragam de volta seus filhos.

Os homens de bem deste país, entre os quais se inclui, obviamente, a maioria dos constituintes, devem compreender que a essas alturas não é mais possível admitir que se continue a pressionar o governo para que desvie recursos do setor produtivo da economia para a criação de empregos improdutivos no setor público. É mister ainda que o Poder Judiciário, especialmente na esfera estadual, assuma alguma ação efetiva no sentido de não coonestar as aberrações que se maquinam constantemente nas assembleias legislativas, destinadas a engordar as contas bancárias dos “marajás” que, desavergonhados, escarnekem da opinião pública.

Quando a juventude, que por natureza é idealista e crédula, começa a desacreditar nos seus dirigentes, é porque alguma coisa de grave está acontecendo. Algo de podre, talvez, e cujo cheiro não vem somente do lixo que escorre das nossas favelas, nos dias de tempestade.